

ESTRUTURA POTENCIAL DO GÊNERO (EPG) E MULTIMODALIDADE: A CONFIGURAÇÃO DO GÊNERO TIRA CÔMICA SERIADA¹

GENERIC STRUCTURE POTENTIAL (GSP) AND MULTIMODALITY: GENRE CONFIGURATION SERIOUS COMIC STRIP

Alex Caldas Simões (UNIFESP)

axbr1@yahoo.com.br

RESUMO: Hasan (1989) considera que a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) é a expressão verbal de uma dada Configuração Contextual (CC). A nosso ver, ela não é só a expressão verbal de uma CC, mas a expressão de toda linguagem significativa e constituinte do texto – como a linguagem multimodal dos quadrinhos. Na presente pesquisa, portanto, apresentamos nossa tese na configuração da tira cômica seriada de Ed Mort, personagem de Luís Fernando Veríssimo (texto) e Miguel Paiva (ilustração). Utilizamos como aporte teórico-metodológico as teorias sistêmico-funcionais de Hasan, a EPG e a CC na análise de 20 textos. Concluimos que a tira cômica seriada possui a seguinte EPG: $FR^{\wedge} C^{\wedge} EN^{\wedge} P^{* \wedge} [Lg^{\wedge} B^{\wedge} Lt^{\wedge} MV]^* \wedge [E^{* \wedge} Sar^{\wedge} Rq^{\wedge} Tem^{*}]^{* \wedge} Aau^{* \wedge} Ib^{\wedge} S$. Sendo assim, validamos a nossa tese, que poderá ser (re)utilizada futuramente em outros gêneros dos quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: Estrutura Potencial do Gênero (EPG); Multimodalidade; Quadrinhos.

ABSTRACT: Hasan considers that the Generic Structure Potential (GSP) is the verbal expression of a given Contextual Configuration (CC). In our view, it is not only the verbal expression of a CC, but the expression of all the significant and constituent language of the text – like the multimodal language of comics. In the present research, therefore, we present our thesis in the configuration of the serious comic strip by Ed Mort, character by Luís Fernando Veríssimo (text) and Miguel Paiva (drawings). We used Hasan's functional systemic theories, the EPG and the CC to analyze 20 texts. We conclude that the serial comic strip has the following EPG: $FR^{\wedge} C^{\wedge} EN^{\wedge} P^{* \wedge} [Lg^{\wedge} B^{\wedge} Lt^{\wedge} MV]^* \wedge [E^{* \wedge} Sar^{\wedge} Rq^{\wedge} Tem^{*}]^{* \wedge} Aau^{* \wedge} Ib^{\wedge} S$. Therefore, we validate our thesis that could be (re)used in the future in other genres of comics.

¹ A presente pesquisa corresponde a um dos núcleos de análise e descrição linguística de nossa pesquisa de doutorado (SIMÕES, 2018). Aqui também foram levados em consideração os apontamentos críticos à pesquisa realizados gentilmente pelos pareceristas deste periódico.

KEYWORDS: Generic Structure Potential (GSP); Multimodality; Comics.

Introdução

Desde 1997, os estudos sistêmico-funcionais brasileiros têm se dedicado à configuração e ao estudo da Estrutura Potencial do Gênero (EPG). A partir da revisão de literatura empreendida (SIMÕES, 2016), a pesquisa de Vian Jr. (1997) surge como a primeira do Brasil a abordar o estudo da EPG em língua portuguesa. Entretanto, em Simões (2020a, p. 79), descobrimos que, na verdade, foi a pesquisa de Zipser (1993), com um *corpus* de cartas escritas em alemão, a “primeira pesquisa em Estrutura Potencial a ser realizada no Brasil. Ainda assim, é Vian Jr. (1997) a primeira pesquisa a ser desenvolvida em *corpus* de língua portuguesa, e, incontestavelmente, a que mais foi divulgada e citada no assunto.”

A Estrutura Potencial do Gênero é uma teoria difundida e popularizada no Brasil principalmente a partir de Motta-Roth e Heberle (2005). A tradução de *Generic Structure Potential* (GSP) foi popularizada no Brasil como Estrutura Potencial do Gênero (EPG). “Analisando as pesquisas sobre o tema, constatamos que a tradução para o termo em português parece ter se estabilizado após essa publicação.” (SIMÕES, 2020a, p. 78). Dessa forma, para nós, essa tradução parece ideal, apesar das críticas a essa tradução persistirem – Gouveia (2020), por exemplo, considera que o núcleo do sintagma em GSP deve ser “potencial” e não “estrutura”; logo, sua tradução ideal para o português europeu é Potencial de Estrutura do Gênero (PEG) e não Estrutura Potencial do Gênero (EPG). Para o autor, essa tradução vincula mais fortemente o termo às teorias sistêmicas; do contrário, há perda da especificidade sistêmica.

Em 31 anos de pesquisa (1989-2020), foram identificadas no Google Acadêmico 75 pesquisas dedicadas ao estudo da EPG (SIMÕES, 2020a). Simões (2016, p. 94) realiza ampla revisão de literatura sobre o tema: de 1989 a 2015 – pela metodologia utilizada –, foram encontradas 100 pesquisas, 57 em língua inglesa, 5 em espanhol e 38 em português. “Identificamos, con nuestra revisión de literatura, que las pesquisas en Potencial de Estructura se concentran en América del Sur (con 41 % de las pesquisas), Asia (con 25 %) y Oceanía (con 22 %). Ellas se originan en los siguientes países: Brasil (con 34% de las producciones bibliográficas), Australia (con 18 %) y China (con 13 %).” Assim, como podemos constatar, é a América Latina o continente que mais investiga a EPG, seguido de Oceania e Ásia.

As pesquisas em Estrutura Potencial do Gênero tem abordado a investigação de

gêneros textuais escritos, como o estágio supervisionado (SILVA; FAJARDO-TURBIN, 2011; SILVA, 2012, 2013) e o editorial de jornal (ANSARY; BABAI, 2005, 2009). Também é vista sendo utilizada como método de pesquisas para análise de pacientes com Lesões Cerebrais Traumáticas (TOGHER; HAND, 1999; TOGHER; MCDONALD; CODE; GRANT, 2004) e surge em pesquisas sobre a escrita acadêmica (NAVARRO; SIMÕES, 2019) e, mais recentemente, a redação de vestibular ou o texto dissertativo-argumentativo (IKEDA; DA SILVA; DA SILVA, 2019).

Desde a configuração da EP do gênero prestação de serviços (HASAN, 1989) e do gênero conto de fadas (HASAN, 1996), as teorias de Hasan têm sido expandidas e (re)discutidas². O conceito de suporte, de base sistêmico-funcional, por exemplo, já foi revisitado no campo da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (SIMÕES; GOMES, 2011, 2020). Em nossa leitura de Hasan, o suporte corresponde ao termo *Configuração da Situação Material* (CSM)³. Ele pode ser definido como “o ambiente físico em que um texto pode estar sendo criado – onde se fala, se ouve, escreve, lê ou onde ele pode estar ocorrendo.” (HASAN, 1989, p. 99). Para Simões (2020a), a CSM é equivalente ao conceito de suporte de Marcuschi (2008)⁴.

A partir de Hasan e de sua EPG, Yuen (2004) tem se dedicado à construção de um modelo teórico que consiga explicar a interação multissemiótica entre imagens e textos verbais de anúncios. Suas teorizações foram aplicadas em anúncios sobre a AIDS (OYEBODE; UNUABONAH, 2013). As teorizações de Yuen – em curso –, portanto, evidenciam a possibilidade de configuração da Estrutura Potencial dos Gêneros multimodais, já sugerida também por Bowcher e Liang (2016).

Apesar da crescente iniciativa científica na pesquisa da EPG e da multimodalidade, algumas compreensões sobre o tema parecem requerer maiores reflexões, o que motivou a nossa pesquisa. No Brasil, predomina a referência à Gramática do Design Visual (GDV) para análises de objetos multimodais (GUALBERTO; SANTOS, 2019), mas nem sempre essa teoria é bem aplicada. De nossa experiência, em congressos e grupos de estudo em sistêmico-

² Nos últimos anos, é crescente a discussão sobre a Pedagogia de gêneros de base sistêmico-funcional, que teve como base as reflexões de Hasan sobre a linguagem (ROSE; MARTIN, 2012). Hasan, entretanto, não teve a preocupação de construir uma Pedagogia de gêneros pautada na EPG. Ainda assim, reflexões nesse sentido têm sido empreendidas (SIMÕES, 2020a), o que abre caminho para uma expansão teórica interessante a se considerar nas ciências da linguagem.

³ Do inglês *Material Situational Setting*. Conferir mais detalhes em Hasan (1989, p. 99).

⁴ Para maiores explicações sobre a proposição, conferir Simões (2020a). Sabemos, entretanto, que o debate sobre esse tema está aberto e é longo, fugindo das expectativas desse artigo. Esse é ainda um tema a ser aprofundado.

funcional, comenta-se que aos quadrinhos⁵, por exemplo, pode-se aplicar diretamente as teorias imagéticas de Kress e Van Leeuwen (1996, 2006) – o que para nós não é possível, ainda que pesquisas realizadas nesse sentido sejam coerentes dentro de suas propostas de trabalho (DA CUNHA, 2018).

Entendemos que a GDV se direciona à análise de imagens estáticas. Os quadrinhos não são imagens estáticas, são imagens que pressupõem movimento: “imagens pictóricas justapostas e outras em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador” (MCCLOUD, 1995, p. 9). Logo, para utilizar a GDV nos quadrinhos, é preciso uma expansão teórica. Uma dessas expansões é a proposta por Painter, Martin e Unsworth (2013) para análise de narrativas de livros infantis, na teorização conhecida como Análise de Discurso Multimodal Sistêmico-Funcional (ADMSF), mais especificamente no conceito de integração intermodal⁶. Os autores expandem a GDV – que já foi derivada da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1985) – para análise de textos bimodais (verbais e visuais). No Brasil essa construção teórica pode ser encontrada, por exemplo, na análise de livros didáticos de inglês (DIAS; VIAN JR, 2017).

Uma outra teoria sistêmico-funcional que tem como base a GDV é a proposta por Davies (2019), que analisa a *Graphic Novel*, ou narrativas gráficas – as histórias em quadrinhos. Para analisar os quadrinhos, o autor parte das concepções de quadrinhos de McCloud (1995, 2006). Em nosso entender, por considerar a sarjeta (aquele espaço “vazio” entre um quadro e outro) na análise sistêmico-funcional, Davies (2019) parece ser mais preciso na análise dos quadrinhos do que Painter, Martin e Unsworth (2013).

Como podemos perceber, a utilização da GDV sem expansões ficaria restrita à análise de apenas uma vinheta ou quadro; ou, por sua vez, somente algumas categorias da teoria poderiam ser aplicadas ao *corpus*. Não é nosso objetivo aqui utilizar aspectos da GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, 2006), as teorias da ADMSF ou as postulações de Davies (2019) – ainda que nossa análise possa ir nessa direção. Deixemos tais estudos para aplicações futuras, que nos parecem promissoras e relevantes para análise dos quadrinhos na

⁵ O nosso conceito de quadrinhos aqui segue as compreensões de Simões (2020b, p. 111): quadrinho “é um campo semiótico, que se realiza em um contínuo de gêneros textuais/discursivos. Logo, não se pode dizer que um texto é ou não quadrinho – afinal, essa visão é dicotômica e, portanto, não corresponde à visão que norteia epistemologicamente nossa definição. Há, portanto, textos que, se reconhecidos socialmente como quadrinhos, se realizam com maior ou com menor recorrência de elementos verbo-visuais da linguagem dos quadrinhos.” Nesse sentido, a tira cômica seriada é quadrinho, pois utiliza a semiótica dos quadrinhos.

⁶ A ADMSF “se propõe a proceder à descrição das modalidades postas em circulação num texto multimodal específico. Ou seja, a ADMSF prevê um arcabouço teórico para a compreensão da sinergia entre as diferentes modalidades em um texto a partir das três metafunções da linguagem em Halliday (1978, 1985), ideacional, interpessoal e textual, e sua reconfiguração para as imagens em Kress e van Leeuwen (1996, 2006), representacional, interacional, composicional.” (DIAS; VIAN JR, 2017, p. 181).

perspectiva sistêmico-funcional, mas que fogem no momento aos objetivos de nossa pesquisa.

No que se refere à multimodalidade e à EPG, Hasan considera que a EPG é a expressão verbal de uma dada Configuração Contextual (CC). Por essa definição, somente textos verbais poderiam ser configurados – o que inibiria as iniciativas de realizar a pesquisa com textos multimodais⁷ através da EPG. É possível expandir esse conceito? Acreditamos que sim. Essa é a nossa hipótese, testada e aplicada na análise de 20 tiras cômicas seriadas do personagem Ed Mort, tira bastante popular na década de 1980, veiculada nos jornais brasileiros e escrita por Luís Fernando Veríssimo e ilustrada por Miguel Paiva. Aqui, retomamos as tiras publicadas no livro *Procurando o Silva* (VERÍSSIMO; PAIVA, 1991).

Nesse sentido, a fim de apresentar nossa pesquisa, dividimos a nossa exposição em três seções: (a) iniciamos apresentando as nossas hipóteses de trabalho, que nos levavam a propor uma maneira de configurar a EPG de gêneros multimodais; (b) em seguida, passamos a apresentar a análise da Configuração Contextual (CC) e a Estrutura Potencial do Gênero tira cômica seriada, seguida da relação entre texto e contexto; e, por fim, (c) nossas considerações finais.

Estrutura Potencial do Gênero e Multimodalidade

Hasan (1989) é a primeira sistemicista a investigar mais profundamente os gêneros do discurso (REN, 2010), identificados por ela como o potencial semântico específico do gênero. Para a autora, o gênero corresponde à unidade de estrutura do texto (SIMÕES, 2020a; IKEDA; DA SILVA; DA SILVA, 2019). Ainda assim, diante de outros conceitos da teoria sistêmico-funcional – como o registro e as metafunções –, o gênero é claramente um conceito tardio (CIAPUSCIO, 2005).

Acreditamos que a EPG é uma teoria de gêneros textuais bastante versátil. Ela é, por exemplo, muito bem-sucedida para explicar como distintos textos podem ser percebidos pelos falantes nativos como um mesmo gênero (REN, 2010). Ou ainda, como esses textos distintos surgem como possibilidades de realização em uma dada EPG (REN, 2010). Logo, a teorização de Hasan é essencialmente prática e aplicada ao *ensino explícito de gêneros*⁸, pois

⁷ Podemos entender aqui multimodalidade como sendo os textos “nos quais mais de uma modalidade converge em uma situação para produzir significado. O canal linguístico em textos multimodais pode ser falado ou escrito ou qualquer combinação desses e de outros modos semióticos implantados que podem ser físicos ou visuais ou qualquer combinação desses.” (BOWCHER, 2007, p. 630, tradução nossa).

⁸ Considera-se abordagem explícita de gêneros a “abordagem pedagógica focada no ensino explícito dos aspectos prototípicos dos gêneros, incluindo as características sintáticas, lexicais, discursivas e retóricas.” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 253).

visa a caracterizar e diferenciar os gêneros, além de estruturá-los para as práticas de ensino de leitura e escrita em língua materna ou estrangeira. É nesse contexto que apresentamos a possibilidade de análise da Estrutura Potencial dos Gêneros multimodais.

Hasan (1989) considera que a EPG é a expressão verbal de uma dada Configuração Contextual (CC). Embora o conceito de expressão verbal contemple aspectos do contexto físico e semiótico, a estrutura verbal, ao nosso ver, não é só a expressão verbal de uma CC, mas a expressão de toda linguagem significativa e constituinte do texto. Logo, é possível se configurar tanto os gêneros textuais que são essencialmente verbais como os gêneros textuais que se constituem – integral ou parcialmente – por elementos não verbais ou multimodais.

Ventola (1987 *apud* REN, 2010), há alguns anos, já corroborava essa tese. Para a autora, há elementos da estrutura do gênero que podem ser “realizados por comportamentos não linguísticos” (REN, 2010, p. 233). Nesse sentido, um elemento não verbal (ou multimodal) pode vir a se constituir em um elemento significante da estrutura de um texto. O que ocorre é que nem todos os sistemas semióticos que compõem os textos multimodais já foram objeto de estudo e investigação por parte dos cientistas da linguagem.

Alguns desses sistemas semióticos – como os quadrinhos, que constituem uma linguagem própria ou autônoma (CIRNE, 1970; EISNER, 1989; ACEVEDO, 1990; ECO, 1993; RAMOS, 2009), amplamente investigada (RAMOS, 2009, 2011, 2012; VERGUEIRO, 2009) – já foram decodificados pelas ciências da linguagem. Nesse caso, *é possível articular os significados não verbais (ou verbo-visuais) da linguagem dos quadrinhos à sua Estrutura Potencial*. O mesmo se pode dizer da linguagem corporal, das cores e de toda linguagem significativa e constitutiva do texto. Estando codificada, qualquer linguagem composta por elementos não linguísticos, em nosso entendimento, pode (e deve) ser apropriada à análise de sua Estrutura Potencial. Isso é possível, pois, na configuração de gêneros de Hasan (1989), a eleição de elementos obrigatórios, opcionais ou iterativos se dá, muitas vezes, em termos semânticos e não em termos léxico-gramaticais⁹. Dessa forma, como “os critérios de realização de um elemento podem ser indicados mais claramente em termos de alguma propriedade semântica” (HASAN, 1989, p. 68), acreditamos – e essa é a nossa hipótese – ser possível a análise de configuração da Estrutura Potencial de Gêneros multimodais.

Uma vez apresentadas as nossas hipóteses de trabalho, passemos à seção seguinte, que irá abordar, conjuntamente, os aspectos teóricos, metodológicos e a análise do texto. Com esta seção, esperamos otimizar o texto apresentado, que conjugará a um só tempo os conceitos de

⁹ Hasan inicia sua análise pelo contexto e não pelo texto, o que difere de Martin, que configura os gêneros do texto para o contexto (VIAN JR; LIMA-LOPES, 2005).

Hasan e a nossa análise das tiras do personagem Ed Mort.

Referencial teórico-metodológico

A teoria sistêmico-funcional ortodoxa¹⁰ de Hasan

Preservando as categorias postuladas por Halliday (2001 [1985]), Hasan (1989), em suas pesquisas, entende que o texto¹¹ e o contexto são elementos indissociáveis: por meio do texto, podemos prever as estruturas do contexto e vice-versa. Assim, temos que, por meio do contexto, podemos prever:

- os elementos que DEVEM se realizar no texto (os obrigatórios);
- os elementos que PODEM se realizar no texto (os opcionais);
- quando os elementos DEVEM ocorrer;
- quando os elementos PODEM ocorrer;
- com que FREQUÊNCIA esses elementos PODEM ocorrer (os iterativos).

Sendo assim, de posse da Configuração Contextual (CC) – “um conjunto de valores que realizam campo, relação e modo” (HASAN, 1989, p. 56) (ver Quadro 1, abaixo) –, é possível prever, por exemplo, as estruturas do texto inscritas no gênero tira cômica seriada: os elementos que DEVEM ocorrer na tira cômica seriada; os que PODEM ocorrer na tira cômica seriada, ONDE e com que FREQUÊNCIA. Passemos, então, à descrição da CC da EPG da tira cômica seriada e, posteriormente, à análise das relações entre texto e contexto.

Configuração Contextual (CC)

Apresentamos, no Quadro 1, de forma conjunta às definições teóricas, o contexto de realização da tira cômica seriada. A análise do texto e da imagem, empreendida por meio de metodologia quali-quantitativa, baseia-se na descrição de 20 tiras cômicas seriadas de Ed Mort do livro *Procurando o Silva*¹² (VERÍSSIMO; PAIVA, 1991), escolhidas de forma aleatória.

¹⁰ A postulação de gênero da autora (1989) é identificada como clássica ou ortodoxa, uma vez que preserva os preceitos clássicos de Halliday (CIAPUSCIO, 2005).

¹¹ Hasan (1989, p. 52) entende o texto como o potencial de significado realizado. Ele possui duas unidades: a de textura e a de estrutura.

¹² O *corpus* completo de nossa pesquisa pode ser visualizado, virtualmente, em TIRA (2021).

Configuração Contextual (CC) do gênero tira cômica seriada			
Variáveis	Análise da tira cômica seriada	Breve definição da variável	Metodologia: Perguntas que fizemos para o corpus
CAMPO	Entretenimento: Construção de uma narrativa ficcional, longa e de cunho sequencial.	Destacamos aqui os objetivos ou finalidades, e as ações ou atos realizados na atividade social empreendida (HASAN, 1989).	Para CC: O que acontece com a linguagem em uso? Para EPG: O que se repete em todos os exemplares do corpus?
RELAÇÃO	Agentes do texto: Autor da tira e Leitor de Quadrinhos. Distância social máxima.	Segundo Hasan (1989), tendo em conta a biografia e as vivências em comum, investigamos os papéis e as relações estabelecidas entre os agentes do texto. Aqui, investiga-se a distância social ¹³ entre eles, se máxima ou mínima.	Para CC: Qual é a relação entre os participantes do discurso? Para EPG: O que somente às vezes surge nos exemplares do corpus?
MODOS	Papel da linguagem verbal: auxiliar; canal: gráfico; meio: escrito. Uso de linguagem multimodal, com predomínio da imagem sobre o texto. ¹⁴	Aqui investigamos o papel da linguagem verbal: a linguagem verbal é auxiliar à realização do texto; ou ela é constitutiva do texto. Analisamos ainda: (a) o processo de compartilhamento do texto (canal, fônico ou gráfico); e (b) se “o destinatário é capaz de partilhar o processo de criação do texto, como ele se desenvolve, ou o destinatário vê o texto só quando ele é um produto acabado” (HASAN, 1989, p. 58). Por fim indicamos qual é o meio de realização do texto, se falado ou escrito.	Para CC: Quais são os modos de organização da linguagem no discurso? Para EPG: Que elementos (opcionais ou obrigatórios) se repetem mais de uma vez e em variadas posições em um mesmo exemplar de nosso corpus?

Quadro 1 – A Configuração Contextual (CC) da tira cômica seriada: definições teóricas, análise e metodologia.

Fonte: elaborado pelo autor

Na CC da tira cômica seriada do Quadro 1, podemos observar também a prática social e discursiva deste texto. É ao conhecermos melhor quem é o autor do texto, sua função e principais atividades e como ele dialoga com o texto em questão, que mapeamos o *potencial semântico específico* utilizado na composição do gênero tira cômica seriada. Ed Mort é uma tira cômica seriada escrita por Luiz Fernando Veríssimo e ilustrada por Miguel Paiva. O primeiro é um consagrado escritor, cronista e artista da palavra. Gaúcho de Porto Alegre, em 1979 escreveu seu quinto livro de crônicas, *Ed Mort e Outras Histórias*. Mort é um de seus

¹³ A distância social (se máxima ou mínima) é analisada em termos de *contínuo*: “Quanto maior a distância social mínima, maior o grau de familiaridade entre os participantes.” (HASAN, 1989, p. 57). O mesmo se pode dizer sobre a relação entre auxiliar e constitutivo.

¹⁴ Outros autores consentem com essa afirmação. Cagnin (2014), por exemplo, defende que os Quadrinhos têm o predomínio do icônico (imagem) sobre o código linguístico (linguagem verbal). Logo, nos Quadrinhos a linguagem verbal desempenha papel auxiliar na construção do texto.

personagens mais populares, como também o são as cobras da série de tiras *As Cobras*. Por sua vez, o carioca Miguel Paiva é ilustrador de quadrinhos, autor de *Radical Chic* e *Gatão da meia idade*. Veríssimo e Paiva contam em tiras cômicas seriadas as histórias de Ed Mort, um detetive particular que trabalha em um pequeno escritório do Rio de Janeiro. Ele é um pouco atrapalhado e não recebe muitos casos para investigar já tem algum tempo. Na obra que analisamos, um dia, inesperadamente, surge na porta de Ed Mort uma mulher muito bonita que procura seu marido desaparecido, o Silva. Ela está disposta a pagar para encontrar o seu marido.

O gênero tira cômica seriada possui, portanto, elementos em sua estrutura que sempre (ou com grande frequência¹⁵) ocorrem, são os chamados *obrigatórios* (HASAN, 1989), e elementos em sua estrutura que às vezes (ou com pouca frequência) ocorrem, são os chamados *opcionais*¹⁶ (HASAN, 1989). Para a autora (1989, p. 62), são “os elementos obrigatórios [que] definem o gênero”, e será a aparência e a ordenação desses que indicarão se estamos diante de um texto completo ou incompleto.

Os elementos da estrutura de um texto podem ocorrer mais de uma vez em um mesmo texto e “nós nos referimos a esse fenômeno como iteração¹⁷ (HASAN, 1989, p. 62)”. Esse fenômeno pode ocorrer tanto com os elementos obrigatórios quanto com os opcionais, mas sua existência é sempre uma escolha, “uma opção” (HASAN, 1989, p. 63); a esses elementos, que podem surgir de forma iterativa, chamamos *elementos iterativos* (HASAN, 1989).

¹⁵ Apesar da distinção entre elemento obrigatório e opcional, Hasan (1989) não apresentou considerações sobre a frequência de realização desses elementos. Dizer que os elementos obrigatórios são os que sempre ocorrem (HASAN, 1989) não indica a frequência com que esses elementos se realizam. O mesmo se aplica aos elementos opcionais. Dizer que eles podem ocorrer não indica a frequência desse acontecimento. Acreditamos que devam ser classificados como elementos obrigatórios aqueles que sempre ocorrem, ou seja, aqueles que apresentam uma frequência considerada alta no texto, mais de 80% (81% em diante) dos exemplares em análise. Logo, os elementos opcionais passam a ser aqueles que podem ocorrer com frequência considerada baixa no texto, menos de 80% do *corpus* em análise. Dessa forma, ainda em nosso entendimento, os elementos obrigatórios ou opcionais que estiverem entre 75% e 85% de presença no *corpus* analisado se encontram em *estágio de mudança e/ou transformação*, uma vez que podem mudar de categoria analítica, passando de obrigatórios para opcionais ou de opcionais para obrigatórios, a depender do contexto de situação a ser mapeado. Esse fato evidencia que a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) é probabilística e pode sofrer mudanças no tempo e no espaço. Em nossa pesquisa, portanto, adotamos esse critério.

¹⁶ Um “elemento opcional é um elemento que pode ocorrer, mas não é obrigado a ocorrer. Há condições em que existe uma alta probabilidade de sua ocorrência, e em outras não” (HASAN, 1989, p. 62).

¹⁷ Ou recursão.

Estrutura Potencial do Gênero (EPG)

A EPG: o DNA do texto

Para Hasan (1989, p. 64), é possível exprimir “a gama total de elementos opcionais e obrigatórios e a sua ordem” de tal modo que se possa “esgotar as possibilidades de texto para cada estrutura do texto que pode ser apropriado para CC”. Essa expressão condensada de todas as possibilidades estruturais de um texto dentro de uma dada CC é chamada de EPG e se compõe de elementos obrigatórios, opcionais e iterativos, como vemos abaixo, na Estrutura Potencial da tira cômica seriada:

$FR^{\wedge} C^{\wedge} EN^{\wedge} P^{*^{\wedge}} [Lg^{\wedge} B^{\wedge} Lt^{\wedge} MV^{\wedge}]^{*^{\wedge}} [E^{*^{\wedge}} Sar^{\wedge} Rq^{\wedge} Tem^{*^{\wedge}}]^{*^{\wedge}} Aau^{*^{\wedge}} Ib^{\wedge} S$
--

Figura 1 – Estrutura Potencial do Gênero tira cômica seriada

Legenda: **negrito** (elemento obrigatório) / *itálico* (elemento iterativo) / * (local variável) / ^ (sequência, ou segue para) / [] (relacionados)

Fonte: elaborada pelo autor

De posse da Estrutura Potencial do Gênero tira cômica seriada em abreviações (seu DNA), podemos lê-la. Salientamos que os verbos “dever” e “poder” foram indicados em razão da potencialidade de surgimento em exemplares prototípicos; logo, não devem ser tomados aqui de forma rígida ou fixa. Assim, entendemos que a produção do texto se inicia com o Formato Retangular (FR), em local fixo; ocorre em todo o *corpus*. Após FR, deve-se acrescentar a Cor (C) em local fixo; o que ocorre em todo o *corpus*. Em seguida, deve-se acrescentar a Estrutura Narrativa (EN) em local fixo; surge em 100% do *corpus*. Depois, deve-se apresentar o Personagem (P) em local variável, o que ocorre em todo o *corpus*.

Após a realização de Personagem (P), pode-se realizar¹⁸ com iteração a Legenda (Lg) (em 70% do *corpus*) e o Balão (B) (realiza-se em 90% do *corpus* – com a realização do predomínio do balão-fala). Depois, pode-se acrescentar, caso seja necessário à tira, com iteração, Linhas e Traços (Lt) (em 50% do *corpus*) e Metáfora Visual (MV) (em 10% do *corpus*).

Em seguida, deve-se realizar o Espaço (E) em local variável; realiza-se em 100% do *corpus* – com predomínio do plano médio. Após a realização do Espaço (E), deve-se realizar

¹⁸ A porcentagem aqui indicada advém da análise de 20 textos. Logo, 90% indica que esse recurso ocorreu em nosso *corpus* em 18 exemplares. Cada 5% equivale a ocorrência em 1 texto.

em iteração a Sarjeta (Sar) (realiza-se em 100% do *corpus*) e o Requadro (Rq) (ocorre em 100% do *corpus*). Depois, deve-se realizar o Tempo (Tem), em local variável; realiza-se em 100% do *corpus*.

Em seguida, deve-se realizar em local variável a Assinatura Autoral (Aau); realiza-se em 100% do *corpus*. Por fim, deve-se realizar a Identificação Bibliográfica (Ib), que ocorre em 100% do *corpus* na “capa do livro” (em sua Situação Material).

Resultados e discussões

Ressaltamos que, por questões de espaço¹⁹, não será possível aqui exemplificar todos os elementos da EPG. Logo, tomamos como base somente os elementos considerados obrigatórios, os que melhor definem o gênero (HASAN, 1989). Ainda assim, cabe-nos salientar que, no *corpus* de estudo, não houve a ocorrência de elementos opcionais; como elementos iterativos, temos a Legenda (em 70% do *corpus*), os balões (em 90% do *corpus*), Linhas e Traços (em 50% do *corpus*), Metáfora Visual²⁰ (em 10% do *corpus*), Sarjeta (em 100% do *corpus*) e Requadro (em 100% do *corpus*).

Elementos obrigatórios

Formato Retangular (FR)

O objetivo desse elemento é permitir que a história da tira seja apresentada. É realizado na tira do personagem Ed Mort o formato retangular na horizontal. É no elemento Formato que as tiras de Ed Mort são organizadas em seu *layout* retangular horizontal. Ainda que esse não seja nosso arcabouço teórico de pesquisa, cabe salientar que, segundo Painter, Martin e Unsworth (2013), esse *layout* das tiras cômicas seriadas é integrado (onde o componente verbal é incorporado ao componente visual) e projetado. “Os exemplos de representações projetadas mais comuns são as tirinhas e charges, onde imagens (personagens/participantes), sons (balões de fala e de pensamento) e representações sonoras da linguagem (onomatopeias) encontram-se entrelaçadas de tal forma que se torna necessário ler e interpretar a unidade verbal-visual-sonora como um todo no processo de construir o seu

¹⁹ A discussão completa pode ser recuperada em Simões (2018).

²⁰ Aqui metáfora visual foi tomado como um conceito dos quadrinhos (RAMOS, 2009) e não em termos sistêmico-funcionais. Assim, uma lâmpada acima da cabeça do personagem é uma metáfora visual para ideia; o mesmo ocorre para estrelas, que podem indicar uma forte pancada na cabeça.

significado.” (DIAS; VIAN JR, 2017, p. 183).

Destacamos ainda que esse formato, quando apresentado em sequência com as outras tiras, favorece a construção de uma história mais longa sobre as aventuras de Ed Mort, lidas como um único quadrinho. Essa construção evidencia um relacionamento entre gêneros textuais da mesma espécie, em um relacionamento de colônia, como apresentado por Simões (2020a). Nessa relação, os gêneros se associam quase que anatomicamente formando uma imagem única. Isso cria a impressão de que o gênero é maior do que realmente é.

Assinatura Autoral (Aau)

Com a Assinatura Autoral (Aau), o autor demarca a autoria da tira cômica, indicando o nome dos artistas envolvidos na produção gráfica. A tira cômica seriada de Ed Mort é produzida por duas pessoas: nos desenhos, Miguel Paiva, e, nos textos, Luiz Fernando Veríssimo. Essa assinatura autoral é rubricada pelos dois artistas. Ela não possui um local fixo de realização. Há ocorrências na primeira vinheta (2X), no meio da tira (4X) e na última vinheta (14X). Um outro elemento que vale destacar é a inscrição por extenso dos nomes dos autores da tira em caixa alta e inscritos em uma das sarjetas da história. Esse elemento visa colaborar para a identificação dos autores da tira, uma vez que a assinatura autoral surge em forma de rubrica, e, embora existam as iniciais de um dos autores (L.F.V.), é difícil descobrir de quem se está falando sem a descrição por extenso desses nomes.

Identificação Bibliográfica (Ib)

O objetivo desse elemento é indicar aos leitores o nome da tira que se está lendo, a fim de diferenciá-la de outras que possam surgir numa mesma sequência do jornal. Esse elemento, entretanto, não é realizado na tira, pois é recuperado pela Situação Material (HASAN, 1989), na capa do livro. Essa relação evidencia, como já dito, a relação entre a Situação Material e os elementos do texto. Tais elementos podem ser suprimidos do texto, caso seja possível percebê-los no suporte livro – como é o caso aqui de nosso *corpus*.

Estrutura Narrativa (EN)

O objetivo desse elemento, assim como ocorre com a tira cômica, é contar uma história por meio de imagens que termine com um desfecho cômico. Há na Estrutura

Narrativa quatro elementos: (a) *apresentação*, que inicia ou continua a história mostrando os personagens, o cenário e o enredo; (b) *complicação*, que retira os personagens de uma situação inicial pacífica e os encaminha para a resolução de um conflito; (c) *clímax*, em que o conflito elaborado atinge suas proporções máximas; e (d) *desfecho*, no qual o clímax é resolvido com a construção do humor. Em nosso *corpus* de tiras cômicas seriadas de Ed Mort, tem o predomínio de quatro vinhetas por tira; cerca de 65% das tiras têm essa composição. Essas tiras possuem a estrutura narrativa segmentada em apresentação, complicação, clímax e desfecho cômico. Já as tiras com três vinhetas, cerca de 30% das tiras, surgem com a estrutura narrativa dividida em três partes: introdução, complicação e clímax em uma mesma vinheta e, por fim, desfecho cômico. 5% das tiras possuem outros formatos, como C13, com cinco vinhetas, como apresentado na Figura 2 abaixo.

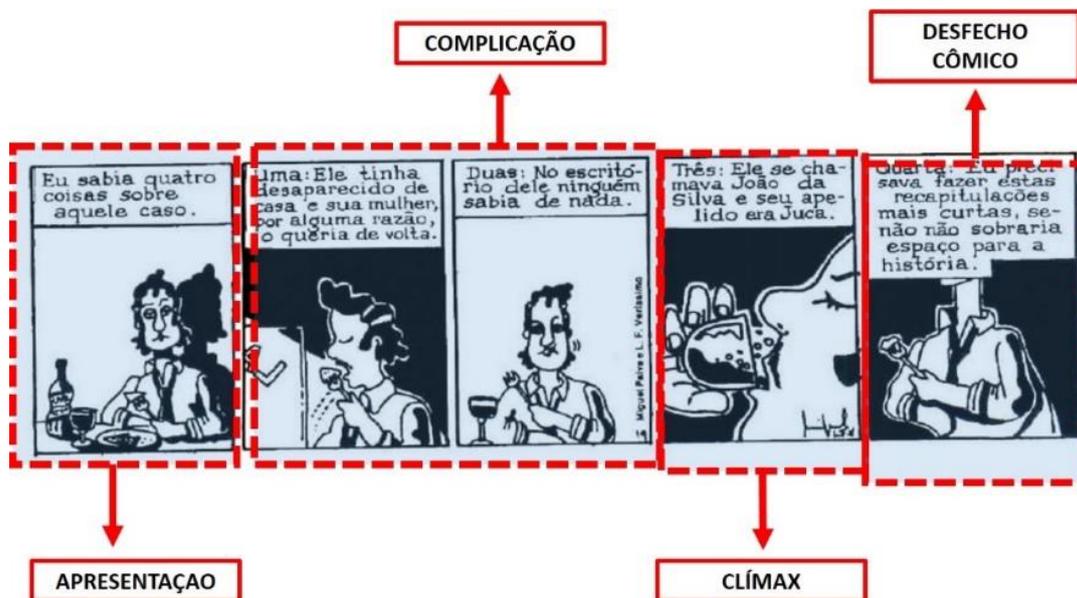


Figura 2 – Assinatura autoral

Fonte: *corpus* de pesquisa C13

Na figura acima, a estrutura narrativa inicia-se com a realização da introdução, em que Ed Mort diz o quanto sabe sobre o caso do Silva, quatro coisas. Em seguida, na complicação, Mort, por meio da legenda, apresenta duas considerações sobre o que sabe sobre o caso. Essas duas considerações surgem em duas vinhetas. A terceira parte é o clímax da história, que surge antes da apresentação do quarto motivo. Por fim, na quarta parte, surge a última coisa que Ed Mort sabe sobre o caso. Essa última vinheta é construída com humor e corresponde ao desfecho cômico.

Tempo (Tem)

O tempo é um dos elementos que pode ser observado na análise das vinhetas e dos balões. Na tira abaixo, observamos a passagem do tempo:

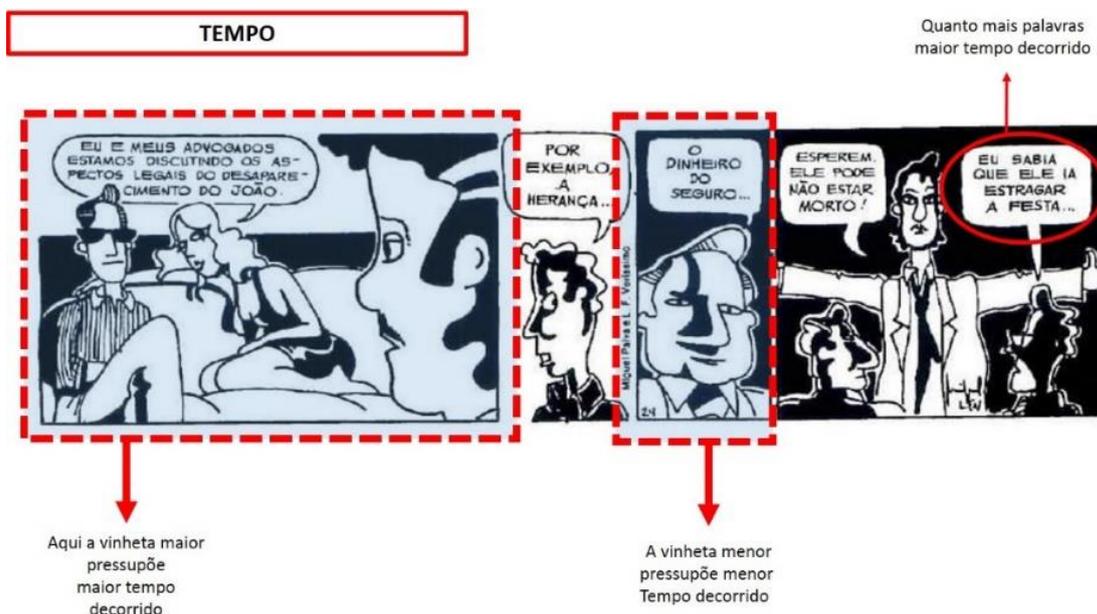


Figura 3 – O tempo na tira cômica seriada

Fonte: *corpus* de pesquisa C18

Na Figura acima, observamos que os advogados da esposa do Silva comentam aspectos do desaparecimento, tais como a herança e o dinheiro do seguro. Nas primeiras vinhetas, é nítido que a cena apresentada dura mais tempo do que a fala dos advogados que surgem na vinheta (ou quadro) 2 e 3. Também é possível observar que, quanto mais palavras usadas em um balão, maior o tempo de duração do turno de fala. Dos seis tipos de tempo descritos por Cagnin (1975, *apud* RAMOS, 2009), há, em nosso *corpus* de tiras cômicas seriadas, o predomínio do tempo de narração, de leitura e de sequência de um antes e um depois. Os demais tempos não ocorrem.

Espaço (E)

O espaço tem o objetivo de apresentar o local onde a narrativa está sendo desenvolvida. A exemplo dos outros *corpora* de tiras, é caracterizado por planos de visão, ângulos de visão (cf. RAMOS, 2009) e transição de quadros (cf. MCCLLOUD, 1995).

Podemos observar que, em relação aos planos de visão, há o predomínio do plano médio (com 25 ocorrências), seguido de primeiro plano (com 22 ocorrências) e plano médio e total (com 11 ocorrências cada). Há aqui a ênfase nos diálogos e, portanto, predomínio do plano de visão médio, o que favorece a progressão da narrativa em série. Os planos de visão menos utilizados são os planos perspectiva (sem nenhuma ocorrência), americano (plano de cintura para cima, com quatro ocorrências) e geral – plano aberto com foco no cenário – (com 01 ocorrência). Ao que parece, o foco das tiras cômicas seriadas não enfatiza o cenário, mas os personagens e seu diálogo.



Figura 4 – Planos de visão na tira cômica seriada

Fonte: *corpus* de pesquisa C04

Como podemos observar, a figura acima apresenta diversos planos de visão. Ela se inicia em plano americano (que “mostra dos joelhos para cima” (RAMOS, 2009, p. 138), o que favorece o diálogo entre os personagens. Em seguida há o plano de visão médio, o que favorece o prosseguimento do diálogo. Ao final, há o plano de visão primeiro plano, que enfatiza as expressões dos personagens e o abraço realizado. Em relação aos ângulos de visão em nosso *corpus* de tiras, temos o predomínio do ângulo de visão médio. Há uma ocorrência com o ângulo de visão inferior.

Na análise do espaço, cabe-nos destacar ainda os tipos de transição de quadros²¹ mais

²¹ As transições de quadro, ou passagem de um quadro a outro, aqui apresentadas, são definidas por McCloud: (a) Movimento-a-movimento: aqui os movimentos passam lentamente um a um (uma pessoa fecha e abre o olho), “exige pouquíssima conclusão.” (1995, p. 70); (b) Ação-pra-ação: “um único tema em progressão de ação-a-ação” (1995, p. 70), uma pessoa enche uma taça a inclina e bebe; (c) Tema-pra-tema: se passa de um tema para outro dentro de uma mesma cena ou ideia (o leitor completa o sentido); (d) Cena-a-cena: há a passagem de uma cena para outra com uma distância significativa de tempo e espaço; (d) Aspecto-pra-aspecto: “supera o tempo

comuns nas tiras cômicas seriadas: ação-pra-ação (com 41 ocorrências), o que favorece a progressão da narrativa. Em *Ed Mort*, ainda aparecem a transição de quadros tema-pra-tema (com oito ocorrências), aspecto-pra-aspecto (com duas ocorrências), cena-pra-cena (com duas ocorrências) e movimento a movimento (com uma ocorrência).

Personagens (P)

O objetivo desse elemento é, por meio dos personagens, desenvolver a ação narrativa. Nas tiras cômicas seriadas, o personagem central é Ed Mort, que surge em todas as tiras de nosso *corpus*. A fim de desenvolver o enredo central – encontrar o Silva –, outros personagens também surgem na narrativa. Há personagens protagonistas, antagonistas, figurantes e coadjuvantes. Podemos perceber que o personagem principal surge em todas as tiras do *corpus*, com alta frequência: 71 vezes em 74 vinhetas. O estilo dos personagens apresentados é realista (RAMOS, 2009).

Cor (C)

A cor é um elemento constituinte da linguagem dos quadrinhos (RAMOS, 2009). Nas tiras cômicas seriadas do personagem Ed Mort, há opção pela cor preto e branco, que se apresenta em todas as tiras. A cor sofre influência da Configuração da Situação Material (CSM), ou seja, aqui as condições de produção do livro influenciam na escolha da cor preto e branca, uma vez que elas diminuem o custo de impressão do livro.

Seriação (S)

O objetivo desse elemento é orientar a ordem de leitura das tiras. A numeração é realizada por meio de algarismo arábico. Esse algarismo pode ser inserido dentro da vinheta ou na sarjeta. A numeração orienta a união entre gêneros, em uma relação de colônia, como conceituado por Simões (2020a)²².

Uma vez apresentados os elementos obrigatórios, salientamos que maiores discussões sobre os elementos opcionais e iterativos podem ser encontradas, sem prejuízo a essa pesquisa, em Simões (2018). Podemos concluir que a tira cômica seriada se organiza de forma

em grande parte e estabelece um olho migratório sobre diferentes aspectos de um lugar, ideia ou atmosfera.” (1995, p. 72); (e) *Non-sequitur*: “que não oferece nenhuma sequência lógica entre os quadros!” (1995, p. 72).

²² Para maiores informações, consultar Simões (2020a).

a contar uma história cômica em série, logo a presença de personagens, situados em um tempo e um espaço realizando ações (estrutura narrativa), se faz necessária. O formato retangular e a cor (preto e branco) seguem o padrão dos jornais impressos (10X15, na horizontal), sendo a seriação característica marcante do gênero. A assinatura autoral segue convenções do contexto artístico, evidenciando os direitos sobre a imagem produzida.

A relação entre texto e contexto

Aqui observamos que a tira cômica seriada só apresenta um tipo de balão, o balão-fala. A legenda é opcional, com possibilidade de iteração (34 ocorrências). Há predomínio do plano médio, 25 ocorrências de um total de 75 planos de visão. A tira apresenta personagens coadjuvantes em quantidade (67X); em 74 vinhetas (ou quadros).

Essas características do texto (da unidade de estrutura, de sua EPG) refletem no contexto (CC). Há predomínio, portanto, do balão-fala (58 vezes em nosso *corpus*), o que favorece a contação de uma história sequencial, como indica a variável campo. Como o número de balões-fala é grande, a legenda surge como elemento opcional. O plano médio utilizado favorece a construção do diálogo, por isso a sua grande frequência no texto; e, por isso, há ênfase nos personagens e no diálogo – o cenário não é destaque. Como a tira conta a história em sequência da resolução de um crime, há um alto número de personagens coadjuvantes, que vão sendo investigados pelo protagonista Ed Mort (71 ocorrências em 74 vinhetas).

A identificação bibliográfica é realizada em 100% do *corpus* na “capa do livro”, em sua Situação Material (CSM). A CSM, como afirma Hasan, deve ser analisada – como é o caso – toda vez em que ela for “coextensiva ao contexto de situação” (HASAN, 1989, p. 61). Nesse sentido, o nome do autor da tira não aparece em cada *corpus*, pois ele já apareceu na capa do livro, que todas as tiras retomam.

Considerações finais

Em nossa pesquisa, procuramos apresentar a nossa hipótese de trabalho para a configuração de gêneros multimodais na perspectiva de Ruqaiya Hasan – a EPG e a CC. Hasan (1989), como discurremos, considera que a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) é a expressão verbal de uma dada Configuração Contextual (CC). A nosso ver, ela não é só a expressão verbal de uma CC, mas a expressão de toda linguagem significativa e constituinte

do texto. Nesse sentido, tomamos como ponto de partida a linguagem dos quadrinhos, já decodificada pelas ciências da linguagem como autônoma própria ou autônoma (CIRNE, 1970; EISNER, 1989; ACEVEDO, 1990; ECO, 1993; RAMOS, 2009), amplamente investigada (RAMOS, 2009, 2011, 2012; VERGUEIRO, 2009). Dessa forma, configuramos a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) tira cômica seriada, ao analisarmos 20 tiras do personagem Ed Mort. Diante de uma Configuração Contextual (CC) particular – *campo*, construção de uma narrativa longa e sequencial; *relação*, leitorXautor; e *modo*, texto multimodal –, depreendemos a seguinte estrutura: (a) são elementos obrigatórios Formato Retangular (FR), Cor (C), Estrutura Narrativa (EN), Personagem (P), Espaço (E) e Tempo (Tem), Assinatura Autoral (Aau), Identificação Bibliográfica (Ib), Seriação (S); (b) são ausentes os elementos opcionais; (c) são iterativos Legenda (Lg), Balão (B), Linhas e Traços (Lt), Metáfora Visual (MV), Sarjeta (S) e Requadro (Rq).

Destacamos a relação da Situação Material (CSM) (HASAN, 1989) com os elementos Identificação Bibliográfica (Ib) e Cor (C). A relação do texto e do contexto com sua Situação Material, entretanto, ainda requer mais estudos – o que nos parece uma relação profícua.

Diante da análise empreendida, portanto, evidenciamos a possibilidade da análise de gêneros multimodais por meio da CC e da EPG. Essa relação, pelo marco teórico-metodológico desenvolvido, pode ser aplicado, no futuro, a outros gêneros textuais multimodais.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, J. *Como fazer histórias em quadrinhos*. São Paulo: Global, 1990.

ANSARY, H.; BABAIL, E. A cross-cultural analysis of English newspaper editorials: A systemic-functional view of text for contrastive rhetoric research. *RELC Journal*, [s. l.], v. 40, n. 2, p. 211-249, 2009.

ANSARY, H.; BABAIL, E. The generic integrity of newspaper editorials. *RELC Journal*, [s. l.], v. 36, n. 3, p. 271-295, 2005.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. *Gêneros: história, teoria, pesquisa, ensino*. Tradução Benedito Gomes Bezerra. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

BOWCHER, W. L. Field and multimodal texts. In: HASAN, R.; MATHIESSEN, C.; WEBSTER, J. *Continuing Discourse on language: a functional perspective*. v. 2. Sheffield & Bristol, CT: Equinox, 2007. p. 619-646.

Organon, Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 177-198, jan./jun. 2021.
DOI: 10.22456/2238-8915.112116

BOWCHER, W. L.; LIANG, J. Y. GSP and Multimodal Texts. In: BOWCHER, W. L.; LIANG, J. Y. *Society in Language, Language in Society*. London: Palgrave Macmillan UK, 2016. p. 251-274.

CAGNIN, L. A. *Os quadrinhos, linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial*. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2014.

CIAPUSCIO, G. La noción de género en la Lingüística Sistémico Funcional y en la Lingüística Textual. *Revista Signos*, Valparaíso, Chile, v. 38, n. 57, p. 31-48, 2005. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342005000100003. Acesso em: mar. 2021.

CIRNE, M. *BUM! A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1970.

DA CUNHA, A. H. A Gramática do Design Visual e a relação palavra-imagem na produção de sentidos de tiras da turma do Xaxado. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 63-83, 2018.

DAVIES, P. F. *Comics as communication: a functional approach*. London: Palgrave, 2019.

DIAS, R.; VIAN JR., O. Análise de discurso multimodal sistêmico-funcional de livros didáticos de inglês do ensino médio da educação pública. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 20/3, p. 176-212, 2017.

ECO, W. *Apocalípticos e integrados*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GOUVEIA, C. A. M. *Universais e particulares culturais: reflexões sobre LSF em português (Grupo sal)*. Palestra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=96KOB-kJ2E>. Acesso em: 17 set. 2020.

GUALBERTO, C. L.; SANTOS, Z. B. dos. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 35, n. 2, 2019.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. *El Lenguaje como semiótica social: la interpretación social del lenguaje y del significado*. Tradução Jorge Ferreiro Santana. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

HASAN, R. The nursery tale as a genre. In: CHORAN, C.; BUTT, D.; WILLIAMS, G. (ed.). *Ways of saying of meaning: selected papers of Ruqaiya Hasan*. London: Cassell, 1996. p. 61-72.

HASAN, R. Part B. In: HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Language, context, and text:*

aspects of language in a social-semiotic perspective. Geelong, Vic: Editora Deakin University, 1989. p. 52-69; p. 97-116.

IKEDA, S. N.; DA SILVA, S.; DA SILVA, P. Estrutura e textura de texto dissertativo-argumentativo para alunos do Ensino Médio – Um enfoque sistêmico-funcional. *Polifonia*, Cuiabá, v. 26, n. 44, p. 81-101, 2019.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge, 1996.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCCLLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

MCCLLOUD, S. *Reinventando os quadrinhos*. Tradução Roger Maioli. São Paulo: Makron Books, 2006.

MOTTA-ROTH, D.; HERBELE, V. M. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqaiya Hasan. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 12-28.

NAVARRO, F.; SIMÕES, A. C. Potencial de Estructura Genérica en tesis de ingeniería eléctrica: Contrastes entre lenguas y niveles educativos. *Revista Signos*, Valparaiso, Chile, v. 52, n. 100, p. 306-329, 2019.

OYEBODE, O.; UNUABONAH, F. O. Coping with HIV/AIDS: A multimodal discourse analysis of selected HIV/AIDS posters in south-western Nigeria. *Discourse & Society*, USA, v. 24, n. 6, p. 810-827, 2013.

PAINTER, C.; MARTIN, J.R.; UNSWORTH, L. *Reading visual narratives: Image analyses of children's picture books*. Sheffield & Bristol, CT: Equinox, 2013.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, P. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, P. *Revolução no gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012.

REN, G. An Overall Review of Linguistic Research on Genre. *Review of European Studies*, Canada, v. 2, n. 2, p. 232-235, Dec. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/47807812_An_Overall_Review_of_Linguistic_Research_on_Genre. Acesso em: mar. 2021.

ROSE, D.; MARTIN, J. R. *Learning to write, Reading to learn: genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Londres: Equinox, 2012.

SILVA, W. R. Proposta de análise textual-discursiva do gênero relatório de estágio supervisionado. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 281-305, 2012.

SILVA, W. R. Escrita do gênero relatório de estágio supervisionado na formação inicial do professor brasileiro. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 171-195, 2013.

SILVA, W. R.; FAJARDO-TURBIN, Ana Emília. Relatório de estágio supervisionado como registro da reflexão pela escrita na profissionalização do professor. *Polifonia*, Cuiabá, v. 18, n. 23, p. 103-127, 2011.

SIMÕES, A. C. *A Estrutura Potencial do Gênero (EPG) e o ensino explícito de gêneros do discurso: a configuração dos gêneros de tiras e o ensino de língua portuguesa*. 2018. 359 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SIMÕES, A. C. El estado de arte de la teoría de Ruqaiya Hasan: ¿dónde están las pesquisas sobre el Potencial de Estructura Genérica (PEG)? *Texturas*, Argentina, n. 15, p. 83-96, 2016.

SIMÕES, A. C. *A estrutura potencial do gênero: uma introdução às postulações sistêmico-funcionais de Ruqaiya Hasan*. Curitiba: Appris, 2020a.

SIMÕES, A. C. Um novo conceito de quadrinhos: as histórias em quadrinhos como um sistema semiótico particular. *Revista Memorare*, Tubarão, v. 7, n. 1, p. 99-115, 2020b.

SIMÕES, A. C.; GOMES, M. C. A configuração do suporte incidental mesa de estudo: uma abordagem sistêmico-funcional. *Linguasagem*, São Paulo, v. 1, n. 33, p. 18-37, 2020.

SIMÕES, A. C.; GOMES, M. C. Panorama de estudos linguísticos sobre o suporte: proposições e debates. *Gláuks*, Viçosa, v. 11, n. 1, 2011.

TIRA cômica seriada. [S. l.], 2021. Disponível em:
https://www.dropbox.com/sh/ybm9jmfuxy69iyk/AABE_fKjhg6lsn5Tq6uTuv57a?dl=0.
Acesso em: 25 mai. 2021.

TOGHER, L.; HAND, L. The macrostructure of the interview: Are traumatic brain injury interactions structured differently to control interactions? *Aphasiology*, [s. l.], v. 13, n. 9-11, p. 709-723, 1999.

TOGHER, L.; MCDONALD, S.; CODE, C.; GRANT, S. Training communication partners of people with traumatic brain injury: A randomised controlled trial. *Aphasiology*, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 313-335, 2004.

VERGUEIRO, W. Uso das HQ no ensino. In: VERGUEIRO, W.; RAMA, A. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2009. p. 7-29.

VERÍSSIMO, L. F.; PAIVA, M. *Procurando o Silva*. Porto Alegre: LP&M, 1991.

VIAN JR, O. *Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais*. São Paulo, 1997. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

VIAN JR, O.; LIMA-LOPES, R. E. de. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 29-45.

YUEN, C. Y. The construal of Ideational meaning in print advertisements. In: O'HALLORAN, K. *Multimodal discourse analysis: systemic functional perspectives*. London: Continnum, 2004, p. 163-195.

ZIPSER, M. E. *Uma análise linguística de cartas comerciais em alemão: contexto e texto*. 1993. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1993.

Artigo submetido em: 14 mar. 2021

Aceito para publicação em: 27 jun. 2021

DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.112116>